Eu quero lembrar de um fato histórico na Bahia que me marcou e está muito ligado a figura de José Carlos Capinan, para além da poesia, é claro! Tem pessoas aqui que não vão se conectar com essa história, mas tem pessoas que vão.

O ano era 1986. Eu era uma jovem militante do Partido Comunista Brasileiro, o Partidão, que havia retornado à legalidade havia apenas um ano, após 40 anos de clandestinidade. Em 86, O país acabava de sair da ditadura civil-militar, um tempo infeliz da nossa história que durou 21 anos — um período que parece estar desbotando da memória das nossas novas e velhas gerações.

Não havia internet, não existiam redes sociais. A militância política era feita nas ruas, nas organizações de bairro, nas agremiações estudantis, nas comunidades eclesiais de base, nos sindicatos.

Era um tempo de manifestações públicas gigantescas — nós discutíamos muito pouco as opressões de gênero, de raça. das PCDs, das Pessoas LGBTQIA+; a centralidade era a luta de classes, era a democracia. Lutávamos por melhores condições de vida, contra o imperialismo yankee, por eleições diretas para presidente...enfim.

O engajamento não era medido por número de “likes” em publicações.
Em 1986, o engajamento era coletivo, e se media pela participação da militância nas manifestações.
Chegávamos à Praça do Poeta e ficávamos contando as bandeiras erguidas, para calcular quem tinha mais militância na rua. Era assim!

O espetáculo máximo da política eram essas manifestações, era o prazer de encontrar a camaradagem, discutir o mundo, discutir a política e a revolução, por obvio.

A Bahia, naquele ano, foi consumida por um fenômeno político fantástico!

Para mim, 1986 é um ano muito especial, porque foi o ano do meu primeiro voto em uma eleição de verdade. Eleição para governador, deputados constituintes. Eleição importantíssima!

A Bahia tinha de um lado, a figura lendária de Antônio Carlos Magalhães, o avô, cujo projeto socioeconômico de modernização conservadora do estado já não respondia havia algum tempo. Na verdade, o que estava efetivamente explícito, manifesto era o sistema político e social típico do atraso regional — o coronelismo em sua melhor tradução.

Era violência de todo tipo(tapa, empurrão, gritaria), ameaça, muito voto de cabresto, domínio político nesses territórios baianos que ocupamos e muito clientelismo.

Só que do outro lado cidade, tínhamos Waldir Pires em uma frente ampliadíssima da qual, aliás, de onde eu olho, acho que nunca saímos dessa frente Waldirana. A Bahia venceu o medo e, lindamente, disse um "não" a tudo que ACM representava naquela quadra histórica.

Foi uma eleição e tanto! A eleição de Waldir foi muito simbólica, carregada de esperança. Era a Nova República na Bahia. Era a mudança.

Muda Bahia! — esse era o imperativo que encerrava todos os discursos. Muda Bahia!

O jingle de Waldir, o que dizer do jingle da campanha, que fez história!

Quem lembra do jingle de Waldir?

Era assim:

Chega de opressão, porque maiores são
Os poderes do povo nessa grande nação.
Bahia, Bahia, Bahia,
Todas as janelas vão se abrir.
Deixe entrar o sol da liberdade,
Que a grande vitória vem aí!
Foram tantos anos de injustiça,
Agora não dá mais pra segurar.
Na capital e no interior, ô ô,
O povo da Bahia vai cantar...
Eu quero ver um tempo novo
De crescer e construir
A Bahia vai mudar
Trabalhando com Waldir!

Meu primeiro voto foi para Waldir.

Eu quis relembrar isso, Capinan, porque em 1987 o governo Waldir Pires deu um passo inédito e corajoso: criou a Secretaria de Cultura do Estado da Bahia.

Pela primeira vez, a cultura ganhava status de política pública com estrutura própria, deixando de ser apenas um apêndice da educação.

Foi o reconhecimento, por parte do Estado, de que a cultura não era apenas os espetáculos apresentados em Salvador, no palco do TCA que por muito tempo foi o templo da arte, da cultura baiana. Só que não! Quem era do interior e mesmo da periferia de Salvador não tinha acesso ao palco principal do TCA — não tinha dinheiro para pagar o ingresso.

E o primeiro Secretário de Cultura que fez parte dessa grande virada. Está sentado ali, José Carlos Capinan, nosso homenageado, foi o primeiro secretário da nova secretaria — e o foi pelo reconhecimento do trabalho, pela estatura do poeta, do tropicalista, do líder do Centro de Cultura Popular da Bahia, do intelectual orgânico, do comunista. Um nome que trazia em si uma síntese rara entre sensibilidade estética, formação intelectual e compromisso político.

O curioso é que, pela primeira vez também, eu pude acompanhar, de dentro do Partido, as nuances da formação de um governo de frente ampla, de coalizão — e pude ali com os olhos de uma jovem menina interessada em política entender os desafios desse processo.

Para a pasta, foram vários companheiros e companheiras que militavam no partido, muito próximos de mim. Na verdade, eram meus capa preta, tudo: Zulú Araújo, Eduardo Santiago (DIDA).

Gilberto Gil, nosso primeiro Doutor Honoris Causa, na posse dele como ministro da Cultura, em 2003, descreveu a Cultura como um conjunto de signos produzidos pelas comunidades. Como sentido de nossos atos, como a soma de nossos gestos, como o sentido de nossos jeitos.

José Carlos Capinan, muito antes de 2003, já havia inserido a política cultural na arena governamental como uma ponte entre o Estado e a sociedade. E pensou a cultura produzida não apenas por intelectuais formados nas universidades, pelos cânones ocidentais das academias tradicionais.

Capinan geriu a cultura como expressão da vida concreta, como relação entre pensamento e ação, como saber dos povos, como invenção coletiva. Sua gestão buscou, desde o início, era um princípio descentralizar, regionalizar as ações culturais, romper com o eixo Salvador-recursos-públicos-palco-luz – Ação.

Com Capinan, as políticas de cultura passaram a apoiar o que era produzido nos interiores, nas margens, nos quintais, nos terreiros, pelas praças, pelas feiras — A CULTURA produzida pela intelectualidade dos que produzem o mundo, dos que vivem da força do seu trabalho.

Por isso, para nós, do Instituto Federal da Bahia — para os 24 campi que temos, para os 30 mil estudantes, para os quase 3 mil trabalhadores e trabalhadoras — para nós que, há 116 anos, formamos a juventude trabalhadora da Bahia, qualificamos a classe trabalhadora, desenvolvemos pesquisa e extensão voltadas para o desenvolvimento social dos nossos territórios, temos a honra, a alegria, o júbilo de conceder, nesta bela tarde nublada, no afável inverno soteropolitano, o nosso segundo título de Doutor Honoris Causa ao poeta José Carlos Capinan.

Capinan, você a partir de agora integra o quadro de doutores da nossa instituição. Sinta-se acolhido por nossa comunidade. Nós estamos muito felizes de termos você!

Muito obrigada!